

Ser humano e meio natural: estudo da percepção ambiental dos moradores do Centro Histórico e do Ambrósio de Garopaba, Santa Catarina, Brasil

Taciana Ziembowicz¹
José E. de Souza-Lima²
Sandra M. Maciel-Lima³

Resumo

Este artigo advém do estudo das percepções ambientais de moradores de dois bairros do município de Garopaba – SC: Ambrósio e Centro Histórico. O marco teórico utilizado na pesquisa foi à complexidade e a teoria dos sistemas. O trabalho identificou as aproximações e/ou distanciamentos entre a teoria utilizada e a percepção ambiental demonstradas nas entrevistas realizadas com os sujeitos pesquisados. Pode-se concluir que houve mais distanciamentos da teoria que aproximações. Há necessidade de uma ampliação no número de sujeitos pesquisados para uma análise mais abrangente em relação às dinâmicas da comunidade. Portanto, a pesquisa fornece as bases iniciais para um futuro programa de educação ambiental a ser planejado para a realidade socioambiental de Garopaba.

Palavras-chave: percepção ambiental, teoria dos sistemas.

Abstract

A STUDY OF THE ENVIRONMENTAL PERCEPTION OF THE INHABITANTS OF THE HISTORICAL CENTER AND AMBRÓSIO, GAROPABA, SANTA CATARINA, BRAZIL. This is a research on environmental perceptions of residents of two neighborhoods in the city of Garopaba, Santa Catarina State: Ambrósio and Centro Histórico. The theoretic basis used in the study was complexity and systems theory. The work tried to verify the approaches and distances between the theory and the environmental perceptions indicated by interviews with the research subjects. It was concluded that there is more distance between what was said in the interviews and the theory. Further analyses of the community dynamics require a higher number of research subjects, but the study provides the initial basis for a future environmental educational program for the social-environmental reality of Garopaba.

Key-words: environmental perception, systems theory.

Introdução

No cenário atual, há uma tendência de o ser humano considerar-se o senhor da natureza, dominando-a e consumindo-a ao seu máximo, e por esse motivo, a natureza encontra-se esgotada e demonstrando o seu desgaste frente às atitudes e ações exercidas pelo *Homo sapiens demens*. As fontes de água doce em sua maioria encontram-se poluídas ou sofrendo ação antrópica, mares e oceanos recebem todas as formas de lixo e dejetos humanos, o ar atmosférico encontra-se poluído por diversos gases tóxicos, as florestas e matas são degradadas e queimadas para dar lugar a pastagens e plantio de grãos.

Além disso, a crise socioambiental que engloba tanto o âmbito físico-biológico explanado acima, como a situação sócio-cultural das comunidades humanas, caracteriza atualmente uma situação onde há o extermínio e marginalização das culturas humanas contrárias a

lógica do mercado e o decréscimo da biodiversidade. Essa desvalorização da diversidade cultural resulta em um monopólio da produção e do consumo sobre a vida humana e do meio natural (Floriani e Knechtel, 2003).

Entretanto, em algumas camadas da sociedade (academia e uma parte da população) começa-se a ocorrer uma modificação na maneira de pensar, agir e interagir com o meio natural. As pessoas estão repensando e sentindo a necessidade de respeitar as mais diversas formas de expressão da natureza e utilizando-a de forma a ocorrer o mínimo de impacto possível. Dessa forma, atualmente o uso das sacolas de pano, a utilização da água da chuva, aquecimento solar da água, o consumo de produtos orgânicos e roupas ecológicas (tingimento natural, tecidos produzidos organicamente) é muito

¹Universidade Federal do Paraná. Estrada Geral do Ambrósio, n. 124 CX 86, Ambrósio, 88.495-000 Garopaba-SC, Brasil. taciana1984@hotmail.com

²Professor e pesquisador do Mestrado em Organizações e Desenvolvimento da FAE e do Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná. Rua Fernando Cretella 72, 82600-460 Curitiba, PR, Brasil. edmilson@fae.edu

³Doutorado em Sociologia da Universidade Federal do Paraná. Rua Fernando Cretella 72, 82600-460 Curitiba, PR, Brasil. sandralima@ufpr.br

visado pelos consumidores e principalmente pelo mercado de consumo e lucro.

Diante deste contexto, o entendimento dos condicionantes e das causas da crise socioambiental que ocorre na sociedade atual e de risco, faz-se necessária a compreensão da percepção dos diversos atores sociais em relação ao meio natural. Como eles se relacionam, interagem e agem com a natureza.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo estudar a percepção ambiental dos moradores do bairro Centro Histórico e do Ambrósio de Garopaba – SC, procurando identificar os conhecimentos tradicionais a respeito do meio natural; compreender a relação dos moradores com o meio ambiente; identificar as atitudes exercidas pelos moradores no seu cotidiano em relação ao meio ambiente; verificar se há o senso de responsabilidade dos moradores perante a degradação ambiental; e verificar o entendimento dos moradores em relação às causas da degradação ambiental na cidade de Garopaba-SC;

Garopaba está localizada na região leste do estado de Santa Catarina, faz divisa com o município de Paulo Lopes a norte e a oeste, Imbituba a sul e Oceano Atlântico a leste, apresenta uma área de 115 Km² (IBGE, 2007). O município estende-se da praia da Gamboa até a praia do Ouvidor, incluindo a praia do Siriú, Silveira, Ferrugem, Barra, Ouvidor, e Vermelha.

O povoamento do litoral catarinense iniciou-se pela Ilha do Desterro, em 1666 com os primeiros habitantes de origem açoriana colonizando as terras garopabenses. Em 1722 tentaram conseguir a concessão da pesca de baleia em Santa Catarina. Entretanto, somente em 1793, a Armação de São Joaquim de Garopaba conseguiu iniciar a caça à baleia franca (*Eubalena australis*), porém em 1801 foram extintos os monopólios (Besen, 1996).

Garopaba foi fundada em 19 de dezembro de 1846, com a construção da igreja matriz, do cemitério e da casa paroquial. Considerada município em 19 de dezembro de 1961 (IBGE, 2009).

Em 2007, a população do município era de 16.399 habitantes. Em relação às atividades econômicas, a pecuária é uma das atividades predominantes no município. Ainda, a produção agrícola tem destaque em relação ao feijão e banana que são produzidos permanentemente, porém a cana, a mandioca, a melancia, o milho e o arroz são produzidos em lavouras temporárias (IBGE, 2007).

Contudo, a economia encontra-se voltada para o turismo, mais especificamente o de veraneio e por isso, o comércio e serviços têm diversos estabelecimentos existentes no município voltado para os turistas, por isso as vagas de verão são temporárias e falta de empregos durante o inverno dificultam o bom funcionamento da

economia local e os moradores mantêm-se trabalhando através de “bicos” durante este período (IBGE, 2007).

No litoral brasileiro e mais especificamente no litoral catarinense, percebe-se problemas socioambientais relacionados ao turismo de massa, ocupação desordenada resultante da especulação imobiliária e desvalorização da pesca artesanal (Filardi, 2007). Referente ao turismo, percebe-se uma falta de envolvimento dos órgãos governamentais em relação às potencialidades da região. Entretanto, as virtudes são tantas em termos paisagísticos que atraem muitos turistas durante o período de veraneio (Araújo, 2008).

Diga-se de passagem, “o turismo ‘sol e mar’ não favoreceu a integração da cultura, do saber fazer, da identidade local ao *pool* de produtos e serviços envolvidos na dinâmica turística” (Araújo, 2008: 95). O mesmo se passa com a não valorização da história da ocupação açoriana, as singularidades da produção artesanal e tradicional da pesca e da agricultura (Araújo, 2008). Nota-se ainda que o turismo tem uma dependência com os fatores ambientais, pois quando ocorre chuvas no período de veraneio toda a cadeia econômica local é prejudicada (Araújo, 2008).

De acordo com Araújo (2008: 96), “o ineficiente planejamento do turístico permitiu a expansão do setor imobiliário em desrespeito às exigências ambientais e em dissonância aos interesses das comunidades nativas”. Ainda, o turismo trouxe para os moradores de Garopaba melhorias em relação às suas condições de vida, mas ao mesmo tempo, os tornou dependentes do setor e rompeu com a sua cultura tradicional. Concomitantemente, “favorecendo o poder dos ‘de fora’ em detrimento das comunidades autóctones, devido ao fato da mão-de-obra barata, farta e pouco qualificada dos nativos” (Araújo, 2008).

Além destes fatores relacionados ao turismo, há falta de infraestrutura na saúde pública, saneamento básico resultando em poluição das águas superficiais e dos lençóis freáticos e deficiências na infra-estrutura básica municipal, definindo um cenário desfavorável socioambientalmente. Da mesma maneira, há ocupação irregular de áreas protegidas resultando em redução da biodiversidade, descuido com o patrimônio natural e perda da beleza cênica. Acrescenta-se ainda, a desvalorização dos conhecimentos tradicionais e atividade pesqueira artesanal, o que acarreta violência, uso e tráfico de drogas (Filardi, 2007). Ao mesmo tempo, a visão “economicista” do turismo de massa, atividades de veraneio e pesca industrial tem favorecido o progresso da degradação socioambiental do litoral brasileiro catarinense (Filardi, 2007).

Atualmente, a sociedade garopabense está organizando-se e visando solucionar problemas socioambientais,

através da criação do Fórum da Agenda 21 Local da Lagoa da Ibiraquera, as novas Associações de Pescadores, o Mercado do Produtor, do Fundo Viralata, dos Amigos do Meio Ambiente. Representam uma nova consciência surgindo para minimizar os impactos negativos da crise socioambiental.

Materiais e Métodos

Os dados apresentados neste artigo foram extraídos da monografia de conclusão do curso de Especialização em Educação, Meio Ambiente e Desenvolvimento da UFPR, concluída em março de 2009 (Ziembowicz, 2009).

Tendo como base os pressupostos da pesquisa qualitativa, com caráter exploratório, os dados foram coletados por meio de pesquisa bibliográfica e entrevistas semi-estruturadas, visando identificar as percepções ambientais dos atores sociais da região de Garopaba.

As informações sobre o município de Garopaba foram obtidas a partir do livro de Besen (1996) elaborado com a ajuda da prefeitura da cidade juntamente com a Paróquia da Praça Central, assim como por meio dos artigos de Filardi (2007) e Araújo (2008).

Os dois bairros estudados foram escolhidos por caracterizarem áreas distintas da cidade de Garopaba: o Centro Histórico e Ambrósio. O Centro Histórico é um bairro na orla do mar, sendo ambiente foco de pescadores na cidade. Todavia, o bairro Ambrósio é campo de criação de gados e onde vivem habitantes dedicados a outras atividades relacionadas ao ambiente rural.

Inicialmente foram elaborados roteiros das entrevistas e estas serviram como base para comunicação do pesquisador com os atores. Elas ocorreram em dois momentos, primeiramente com cinco moradores do bairro Ambrósio e na sequência, com mais cinco moradores do bairro Centro Histórico, totalizando dez pessoas selecionadas por adesão. Estes indivíduos vivem em dois ambientes diferentes, campo e praia.

Resultados e Discussão

A Interação entre o Ser Humano e o Meio Natural

Para Morin (2008), somos filhos do Universo, é nele que o ser humano nasce, vive e morre da mesma forma que todos os seres presentes no planeta. Ao mesmo tempo, o autor afirma que “a humanidade é uma entidade planetária e biosférica. A Terra não é um planeta físico, mas sim, o conjunto da biosfera mais a humanidade”. Sendo mais amplo, o autor determina “a Mãe Terra é uma totalidade complexa física/biológica/antropológica, em

que a vida formou-se, assim como o homem” (Morin, 2008: 56).

Por sua vez, o ser humano tem um cosmos dentro dele que aspira por sonhos, desejos e vontades e através disso ele expressa e age sobre si mesmo, os outros e tudo que o envolve (Morin, 2008). Por meio dos entendimentos, dos sentimentos, dos aprendizados cada ser humano terá um comportamento em relação ao meio em que vive e, por consequência, ao meio natural que está inserido. Carvalho (2006: 33) em concordância afirma,

Nossas idéias ou conceitos organizam o mundo, tornando-o inteligível e familiar. São como lentes que nos fazem ver isso e não aquilo e nos guiam em meio à enorme complexidade e imprevisibilidade da vida.

Entretanto, essas lentes podem nos causar um hábito de tradução do mundo de uma única forma de pensar, nos tornando reféns das nossas visões e conceitos (Carvalho, 2006). Todavia, deve-se rever e repensar a maneira de ver o mundo, pois nunca se vê tudo e nem se compreende tudo.

Esse pensamento incentiva o repensar da interação do ser humano com o meio natural, devendo ser reformulada e reaprendida, para que todas as formas de vida possam viver com qualidade e respeito a sua existência. Além disso, que o ser humano siga uma nova forma de viver, onde consuma produtos orgânicos, reutilize materiais, meios de produção a partir de ecotécnicas, seja autônomo no ambiente social em que está inserido, haja equidade social aos cidadãos e auto-organização nas comunidades (Polette et al., 2006).

Para Floriani e Knechtel (2003: 27), “o desenvolvimento sustentável será possível através de uma estrutura conceitual unificada, pois os sistemas vivos são uma rede autopoietica e devem ser vistos como um todo complexo”. Todavia, o pensamento compartimentalizado ainda perdura nos ambientes sociais, políticos e culturais, porém acadêmicos estão repensando a ciência da complexidade e utilizando-a para a realização de suas pesquisas, pois o mundo precisa ser visto de uma nova maneira, como uma rede complexa de relações.

Em concordância com a visão fragmentadora, os seres humanos, atualmente, se vêem externos ao meio natural, o exploram e o utilizam para a produção de bens e serviços, como se fossem os únicos a necessitarem da vida. Não se consideram parte integrante do cosmos e nem como um ser vivo que tem suas necessidades mantidas pelo ambiente que o rodeia. São como exploradores que utilizam as matérias-primas para alimentar necessidades e desejos, não levando em consideração o sistema planetário que funciona como uma teia de relações, onde cada parte é importante para o todo. Sendo assim,

se uma das partes está desequilibrada compromete o funcionamento de todo o sistema.

Outro aspecto é a conservação que não considera as relações entre os humanos e a natureza, mas a preservação do meio natural excluindo o ser humano. A natureza é vista como conservada se estiver separada das sociedades humanas, este princípio considera a humanidade externa a natureza e assim deve permanecer. Por outro lado, muitos locais onde os moradores foram retirados para “proteger” a vida silvestre e formar áreas de preservação, o resultado foi o oposto, acarretando na diminuição da biodiversidade, pois essas pessoas faziam parte daquele ambiente selecionando plantas e animais. No momento da sua ausência, espécies desapareceram, o ser humano, assim como outros animais, selecionava e determinava a presença de certas espécies no local (Diegues, 2004).

Por outro lado, focando-se no ambiente escolar, os professores ensinam a isolar os objetos do meio ambiente, dissociando o que deve ser visto de maneira integrada, contextualizada e englobada. O estudante não tem uma visão global, mas compartimentalizada do mundo. Por consequência, o ambiente acadêmico forma pessoas que são incumbidas a fazer o seu trabalho na sua área especializada, não valorizando nem levando em consideração a complexidade da vida. Concomitantemente, o saber é acessível aos especialistas e não compartilhado com a humanidade, o conhecimento é feito para a própria academia, enquanto deveria ser acessível a todos.

Percebe-se que essa visão compartimentalizada não permite a percepção do global, resultando na falta do senso de responsabilidade e de solidariedade entre os filhos de Gaia. Entretanto, o pensamento complexo está espalhando-se entre o ambiente acadêmico e a sociedade, fornecendo a base para a mudança de atitudes.

A visão de mundo complexo concebe todo planeta e o Universo um todo integrado, e não como uma junção de partes dissociadas (Capra, 1996). Vê a realidade como um conjunto de inter-relações e interdependência essencial a todos os fenômenos presentes na vida social e física-biológica. A concepção sistêmica vê o mundo repleto de sistemas relacionados e integrados, cujas propriedades não podem ser reduzidas a pedaços menores.

Nesse sentido, “a atividade dos sistemas envolve um processo conhecido como transação – a interação simultânea e mutuamente interdependente entre componentes múltiplos” (Capra, 1982: 260). Outra característica é a natureza intrinsecamente dinâmica, dando flexibilidade aos sistemas, assim como a plasticidade interna. Juntas, elas concedem o princípio da auto-organização aos sistemas vivos, isto é, a ordem e a estrutura são estabelecidas pelo próprio sistema. Por sua vez, a auto-organização resulta em auto-renovação

(renovar e reciclar os componentes mantendo a integridade global) e a autotranscendência (capacidade de criar-se para além das fronteiras físicas e mentais nos processos de aprendizagem, desenvolvimento e evolução) (Capra, 1982).

Com estas informações, fica clara a importância em conhecer o humano e a sua condição, que não ocorre pela separação dele do Universo, mas sim, contextualizando-o com o seu meio, situando-o nessa imensidão galáctica. Em contraposição ao pensamento cartesiano, o ser humano deve ser enraizado nesse meio cósmico e não desenraizado do ambiente que o rodeia (Morin, 2008).

Facilmente se presume a importância do saber e dele ser integrado à própria vida, para explicar a própria conduta e o conhecimento de si. Dentro de cada um há um mundo físico, químico, vivo, mas ao mesmo tempo há separação pelos pensamentos, consciência e cultura. Naturalmente, o cosmo jaz no fundo da natureza humana (Morin, 2008). Havendo a união com o todo, através disso se formará uma consciência humanística e ética de pertencimento ao planeta Terra e à espécie humana, corroborando com o pensamento complexo (Morin, 2008).

É claro que para se ter uma concepção sistêmica da vida, é indispensável haver uma percepção do ambiente, das pessoas, do mundo como um todo, para que assim ao perceber as mais diversas expressões da vida, o ser humano possa ter atitudes e ações favoráveis a ela e a ele próprio.

A percepção fornece ao indivíduo a capacidade de relacionar-se com seu entorno, percebendo o ambiente externo a partir dos sentidos fundamentais (visão, audição, olfato, tato, paladar), porém é através da cognição que a informação processada, selecionada e armazenada, de acordo com o interesse e a necessidade do indivíduo, além de adquirir um significado (Lima, 2003).

A tomada de consciência do ambiente pelo ser humano, isto é, a ação de perceber o ambiente em que está inserido, é considerada a definição de percepção ambiental (Fernandes et al., 2004). Esta percepção ambiental pode trazer para o indivíduo um entendimento do seu ambiente, para que haja uma relação mais harmônica entre o meio natural e o ser humano (Lima, 2003). Convém, no entanto, esclarecer que a dimensão ambiental é um dos eixos centrais do processo de desenvolvimento das sociedades, sendo evidente a sua importância no processo educativo (Floriani e Knechtel, 2003).

Naturalmente, “cada indivíduo percebe, reage e responde diferentemente às ações sobre o ambiente em que vive” (Fernandes et al., 2004: 1), pois cada ser humano tem suas crenças, idéias e juízos de valor, que farão ele agir das mais diversas formas diante da cada situação apresentada na vida. Além disso, “as respostas

ou manifestações são oriundas das percepções individuais ou coletivas, dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada pessoa” (Fernandes et al., 2004) Na realidade, a percepção ocorre num campo perceptivo, é diferente do pensamento, porém não é uma forma inferior do pensamento. A percepção é a relação entre o nós e os objetos e entre eles e nós, pois ambos são seres corporais. Fica claro que a percepção é uma vivência corporal e mental, é um estender-se para o mundo (Chauí, 2004).

Desta forma, o estudo da percepção ambiental é de fundamental importância para poder compreender melhor as inter-relações entre o homem e o ambiente. Entendendo essas relações, há possibilidade de projetar uma educação voltada para uma formação que “fomente sensibilidades afetivas e capacidades cognitivas para uma leitura de mundo do ponto de vista ambiental”. Bem como, “a educação ambiental como mediadora na construção social de novas sensibilidades e posturas éticas diante do mundo” (Carvalho, 2006: 79-80).

A educação deve favorecer a autoformação da pessoa, ensinando a sua condição humana, a viver e a ser um cidadão atuante. Somos uma comunidade de destino comum, com uma identidade comum e uma comunidade de origem terrestre. Pertencemos à mãe Terra, somos filhos dela e ao mesmo tempo, somos todos irmãos, temos a mesma origem e a mesma constituição. Concomitantemente, todos os seres vivos são feitos da mesma matéria que nos somos, viemos de uma origem comum, estamos conectados e formamos um sistema complexo e planetário (Morin, 2008).

Igualmente, é importante enfatizar, a interação indissociável entre o mundo natural e a sociedade, pois um modifica o outro. A presença da vida humana na natureza e dela na sociedade criam novos cursos de vida, paisagens naturais e culturais e fluxos de comunicação (Carvalho, 2006). Por isso a importância, de uma educação ambiental dialógica que incentive esta percepção do seu entorno e do planeta como um todo.

Para isso ocorrer, a cidadania planetária precisa ser incentivada no ambiente formal e não formal de ensino. A noção da cidadania mundial sustenta-se na visão unificadora do planeta, tanto dos seres humanos quanto as outras formas de vida, formando uma sociedade mundial (Gadotti, 2000). É uma nova percepção da Terra, isto é, uma única comunidade, fundamentada em novos princípios, valores, atitudes e comportamentos (Boff, 1995). Nesta perspectiva, Gadotti (2000) apresenta a prática da planetariedade, como uma ação de tratar o planeta como um ser vivo inteligente.

A formação da cidadania planetária possibilitará a sustentação de uma nova visão, unificadora do planeta e da sociedade mundial, englobando os dois âmbitos

e contemplando uma única comunidade planetária focada numa democracia planetária (Gadotti, 2000). Em suma, a sociedade planetária será possível através de práticas pedagógicas baseadas na vida cotidiana das pessoas, embasando as necessidades e interesses delas. Contemplando, também, a construção de uma cultura da sustentabilidade (biocultura) que defina uma convivência harmônica entre a natureza e os seres humanos (Gadotti, 2000).

A Educação Ambiental entra como ferramenta essencial para a formação de sujeitos ecológicos que formarão uma sociedade sustentável através de uma cultura ecológica. A construção da Educação Ambiental crítica é um processo de humanização socialmente situado e forma indivíduos relacionados com o mundo onde vivem e pelo qual são responsáveis (Carvalho, 2006). A atitude ecológica é garantida por um sistema de valores sobre como relacionar-se com o meio ambiente, devendo ocorrer uma internalização de uma nova visão de mundo.

Diante desta discussão, a respeito do entendimento da percepção ambiental para um planejamento de uma educação ambiental crítica, percebe-se que o estudo das falas dos atores sociais no município de Garopaba caracteriza-se como um cenário de compreensão dessa dinâmica.

No litoral brasileiro e mais especificamente no litoral catarinense, percebem-se problemas socioambientais relacionados ao turismo de massa, ocupação desordenada resultante da especulação imobiliária e desvalorização da pesca artesanal (Filardi, 2007). Referente ao turismo, percebe-se uma falta de envolvimento dos órgãos governamentais em relação as potencialidades da região. Entretanto, as virtudes são tantas em termos paisagísticos que atraem muitos turistas durante o período de veraneio (Araújo, 2008).

Cabe destacar que este artigo procura identificar a relação entre a percepção ambiental e a educação ambiental, por meio da interpretação das falas dos atores sociais de dois bairros (Ambrósio e Centro Histórico) do município de Garopaba-SC realizado durante o início do ano de 2009.

A Percepção Ambiental dos Moradores

Para a realização da análise dos resultados confrontaram-se as falas dos entrevistados e suas práticas com a teoria estudada, assim partindo dos questionários semi-estruturados foi possível definir algumas categorias de análise: a) Meio Ambiente e a Percepção da sua Importância; b) Conhecimento Tradicional a Respeito do Meio Ambiente; c) Relação dos Moradores com o

Meio Ambiente; d) Envolvimento com as Questões Ambientais; e) As Causas da Degradação; e f) Senso de Responsabilidade.

Além disso, os entrevistados foram classificados de acordo com a tabela abaixo, para uma melhor compreensão das falas específicas de cada ator social:

ENTREVISTADOS	BAIRRO	IDADE	PROFISSÃO
E1	Ambrósio	32	Carpinteiro
E2	Ambrósio	28	Dona(o) de Casa
E3	Ambrósio	59	Dona(o) de Casa
E4	Ambrósio	44	Professora
E5	Ambrósio	44	Dona(o) de Casa
E6	Centro Histórico	55	Balconista
E7	Centro Histórico	33	Balconista
E8	Centro Histórico	52	Pescador aposentado
E9	Centro Histórico	27	Cabeleireiro
E10	Centro Histórico	55	Jornalista

Meio Ambiente e a Percepção da sua Importância

Em relação ao meio ambiente, ressalta-se a importância para a vida, destacando a natureza e todos os seus componentes como definição pessoal do termo “meio ambiente”.

Para Florian e Knechtel (2003), a noção de meio ambiente deve ser multicêntrica, complexa e objeto de diferentes escalas de abordagem, pois a dimensão ambiental é um dos eixos centrais do processo de desenvolvimento das sociedades. No entanto, essa visão não aparece nas falas dos entrevistados.

Meio ambiente para os atores sociais entrevistados é expresso como:

Somos bichos do meio ambiente (E9)

É sobre natureza, é principal, é o cuidado, para mim hoje em dia está muito destruído, a gente tem que se preocupar (E5)

É as plantas, é as coisas mais bonitas e limpas, conservar as plantas, as lagoas e os rios (E6)

Tripé entre seres físicos, biológicos e grupos humanos (E3)

Notou-se durante o diálogo das entrevistas que a palavra preservação é diretamente ligada ao termo

meio ambiente, isto é, o verde representa o cuidado e a conservação.

Observa-se também, que os meios de comunicação, atualmente, focam a preservação de forma intensa, durante a apresentação de ambientes naturais em programas dedicados a demonstração da natureza. Essa percepção é citada por Fernandes et al (2004) como uma ação de perceber o ambiente em que está inserido, desse modo fica claro que os indivíduos que relacionaram a preservação, a definição de meio ambiente, vivenciaram a realidade ambiental através da preservação. Pode-se, a partir desta compreensão, haver a motivação para uma relação mais harmônica entre seres humanos e o meio natural (Carvalho, 2006).

De acordo com Chauí (2004), a percepção é uma relação entre os sujeitos e os objetos e vice-versa, esses seres corporais interagindo, vivenciando uma atividade tanto corporal quanto mental, torna-se um estender-se para o mundo. Corresponderá como o indivíduo visualiza o mundo e interage com ele, eis porque este ator social dispõe-se a favor das ações para o beneficiamento do meio ambiente.

Os sujeitos demonstraram as suas percepções do meio ambiente abrangendo diversos aspectos do tema, colocaram suas experiências, vivências e conhecimentos nas respostas fornecidas. Como na fala dos entrevistados:

É o meio que vivemos, envolve a natureza e nós mesmos (E10).

É tudo que tem a nossa volta, nós somos bichos do meio ambiente (E9).

Além disso, foi observado nas falas dos pesquisados a compreensão da importância do meio natural para a sobrevivência de toda a vida planetária. Não obstante, a compreensão do meio ambiente como essencial a existência da vida está interligado a sobrevivência, sendo uma percepção essencial para a formação da cidadania planetária abordada por Gadotti (2000), pois ela possibilitará a sustentação de uma visão unificadora do planeta e da sociedade mundial.

Entende-se que as falas que expressaram a importância do meio ambiente, como a dos entrevistados:

É importante, ninguém pode viver no mundo, sem nada, sem árvore, é importante para a sobrevivência (E1).

O tripé é nosso sustentáculo, é nossa base, um vive praticamente em função do outro, não tem como viver isoladamente, os três tem que conviver em harmonia (E3).

Denotam que o meio ambiente é essencial para a qualidade de vida, bem-estar e saúde dos seres humanos, denotam outro princípio primordial para a formação de uma consciência planetária, pois ao perceberem a fundamental necessidade do ser humano em ter o direito de uso sustentável do meio natural, isto possibilita focar a valorização e o sentimento de cuidado, que deve haver em relação ao planeta, para a formação de cidadãos educados ambientalmente.

De acordo com Carvalho (2006), a prática educativa crítica forma um sujeito humano enquanto ser social historicamente situado e para isso valores fundamentais são incentivados no aprendizado. Neste particular, a percepção é a vivência fundamental para iniciar um trabalho pedagógico. Devido a isso, verifica-se nas falas dos atores sociais uma riqueza de informações sobre o meio ambiente.

Conhecimento Tradicional a Respeito do Meio Ambiente

A maior parte dos entrevistados expressa que não houve conhecimentos tradicionais repassados pelos familiares, exemplificando com o que o entrevistado declara:

Nenhum conhecimento, é só destruir, é só o que foi passado, é cortar árvore (E1).

Os atores sociais que afirmaram terem tido conhecimento tradicional familiar, relataram as preocupações e interesses dos seus antepassados em cultivar, manter e preservar o ambiente, enfatizando:

Meu pai tinha valor pelas plantas (E5).

Eu aprendi a gostar da natureza, meu pai era de planta, plantou fruta para os netos (E4).

Em relação à dinâmica da cidade de Garopaba, percebe-se a falta de interesse dos jovens garopabenses em seguir o caminho dos pais, pescadores, pois a pescaria artesanal está sendo esquecida e não fornece a quantidade de peixe necessária para o sustento das famílias, como ocorria no passado. Os jovens procuram o conhecimento acadêmico para possibilitar um futuro mais promissor, resultando na migração deles para os grandes centros urbanos.

A ausência de conhecimentos tradicionais pode ser determinada pela falta de vivências dos pais com os filhos, do aprendizado das práticas pesqueiras e culturas tradicionais pelos descendentes de pescadores e outras atividades realizadas pelos familiares. Entretanto, é fundamental “a revalorização dos saberes culturais, pois

é uma forma de recuperar a memória das sociedades humanas” e essa reconstituição pode restabelecer as práticas sadias no domínio do meio ambiente e a saúde dos sujeitos (Floriani e Knechtel, 2003: 72).

Um caso de destaque nas entrevistas realizadas está na fala de um ativista:

Aqui no Brasil, eles souberam conviver e harmonizar com o ambiente, praticamente meu avô tinha uma consciência ambiental (E3).

Fica explicitado que o conhecimento familiar advindo do avô e do pai marcou o início do pensamento ecológico na região. Este ativista envolve-se tão fortemente com as causas ambientais que possui diversos processos em andamento na promotoria do município de Garopaba, pois as irregularidades no âmbito da natureza, não passam despercebidas por ele. Naturalmente, é preciso que o sujeito ecológico aja conscientemente, sendo um observador do seu entorno e atuante perante a sociedade e a natureza.

Do exposto, Carvalho (2006) afirma que uma atitude ecológica é garantida por um sistema de valores sobre como relacionar-se com o meio ambiente, podendo ocorrer uma internalização de uma nova visão de mundo. Com isso, percebe-se na entrevista realizada com este ativista citado acima que os seus valores estão de acordo com uma prática ecológica. Entretanto, para conseguir esse comportamento dos indivíduos, a Educação Ambiental tem um desafio que é a construção de uma cultura cidadã e na estruturação de atitudes ecológicas em todos os ambientes de ensino-aprendizagem (Gadotti, 2000).

Relação dos Moradores com o Meio Ambiente

Revelou-se durante as falas dos entrevistados que diversas pessoas não separam o lixo em suas casas, algumas demonstraram ainda que gostariam de saber como se faz a separação do lixo reciclável e do orgânico, bem como a vontade de terem esgoto tratado nas suas residências. A atividade de compostagem (é o conjunto de técnicas aplicadas para controlar a decomposição de materiais orgânicos, com a finalidade de obter, no menor tempo possível, um material estável, rico em húmus e nutrientes minerais) é efetuada por alguns moradores, mas sem a utilização da composteira, apenas deixando os restos de frutas e verduras nos quintais das casas, na base de bananeiras e como adubo para hortas e jardins de flores.

Estas atitudes cotidianas identificam a relação dos moradores com o meio ambiente. Através desta vivência com a natureza, tanto no ambiente de trabalho e quanto no ambiente domiciliar e que engloba uma teia complexa

de relações sociedade-natureza é possível identificar os aspectos positivos e negativos desta interação.

Tem várias formas de ter esgoto tratado, na escola que eu trabalhei, a gente fez círculo de bananeira, não foi para os banhados (E4).

Pode-se verificar a preocupação dos sujeitos com a ausência de tratamento do esgoto, pois a fossa tem um limite de preenchimento e o sumidouro que libera as águas sujas advindas da precipitação dos dejetos humanos, polui os lençóis freáticos e o solo dos terrenos próximos a ela.

O tratamento de esgoto pode ser um assunto chave a ser trabalhado em práticas de ensino de educação ambiental, definindo todos os possíveis acontecimentos causados pela ausência de um sistema de esgoto tratado. Analogamente, a motivação dos moradores deve existir para exigir a atuação da prefeitura para melhoria desta situação na cidade ou a implementação de tratamento individual do esgoto em cada moradia.

O bem-estar da humanidade e a integridade dos bens ambientais podem ser construídos por uma “cultura ecológica que compreenda a natureza e a sociedade como dimensões intrinsecamente relacionadas tanto nas decisões governamentais quanto nas ações da sociedade civil” (Carvalho, 2006: 98). Ela definirá as ações individuais e coletivas dos sujeitos na comunidade planetária, será formadora de valores, percepções e atitudes em prol de cada ambiente natural onde cada cidadão vive e relaciona-se.

Envolvimento com as Questões Ambientais

Para existir o envolvimento com as questões ambientais cada sujeito precisa sentir-se sensibilizado pelos movimentos a favor do meio natural. Os entrevistados demonstraram em suas falas pouca preocupação e ativismo para melhoria da situação do ambiente natural garopabense. Um conhecimento primário identificado nas falas foi jogar o lixo na lixeira e a separação do lixo, comentado por muitos atores sociais como o seu cuidado para com a cidade de Garopaba. Por exemplo:

Coloco tudo na lixeira (E9).

O entrevistado (E2) explica sobre a utilização do orgânico como adubo:

O que de orgânico coloco no quintal, no pé de bananeira.

Contribuindo com sua vivência, o entrevistado (E4) enfoca:

Separamos o lixo, já tivemos composteira, mas como temos galinhas soltas não funcionou, por isso a gente dá para galinhas.

Aliás, não se identificou um interesse em iniciar outras atitudes para contribuir com a cidade, pelo contrário, reforçaram a impossibilidade de atuar de outras maneiras, com a justificativa de não terem tempo ou não tendo capacidade para tal.

Todavia, a sociedade planetária somente será possível através de práticas pedagógicas baseadas na vida cotidiana das pessoas, embasado nas necessidades e interesses delas que visem à formação de indivíduos críticos e autônomos do seu próprio ambiente. Como se não bastasse, a construção de uma biocultura que define uma convivência harmônica entre a natureza e os seres humanos (Gadotti, 2000).

Identificou-se, ainda nas entrevistas realizadas o ensinar pelas próprias atitudes, como exemplo a professora que fala no seu percurso de vida e como a natureza sempre esteve presente na sua prática educativa.

É complicado cuidar do outro, com teu exemplo tu ensina (E4).

Contudo, cabe destacar a importância do encontro do ambiental e do educativo, “no caso da Educação Ambiental, se dá como um movimento proveniente do mundo da vida – não da puramente biológica, mas da vida refletida, ou seja, do mundo social” (Carvalho, 2006: 151).

A participação ativa foi citada por apenas dois atores sociais, ressaltando que ela é professora e ele é técnico em enfermagem, casados e integrantes da ONG Vidamar. Os outros entrevistados não demonstraram interesse em querer agir através de uma visão de uma cidadania planetária, exceto por um único caso que disse:

Nunca fui convidado para participar de algo (E7)

Demonstrando um possível interesse no envolvimento as questões ambientais.

As Causas da Degradação

As respostas fornecidas pelos entrevistados diante da pergunta sobre as causas da degradação denotam uma compreensão clara da situação socioambiental que Garopaba está vivendo.

O esgoto, não tem saneamento básico, tão acabando com tudo (E2).

O financeiro, o poder econômico que fala mais alto, política, politicagem, é triste pensar na Garopaba, está sendo degradada, destruída e a gente não sabe a quem recorrer, vai na promotoria, mas o poder econômico fala mais alto (E4).

Bem degradada, assim pelo menos 8, 10 diferentes áreas e situações, há um desenvolvimento enorme (E3).

A exploração imobiliária é uma das atividades em expansão no município e acontece de maneira predatória e invasiva na vegetação predominante na região (mata atlântica incluindo dunas, restingas e mangues) e também afastando os nativos do centro da cidade e proximidades.

A especulação imobiliária inflacionou tanto o preço de venda quanto de aluguel dos imóveis em Garopaba, impulsionando a economia da cidade, entretanto excluindo as culturas tradicionais desta dinâmica. Diga-se de passagem, a pesca industrial está dificultando a fonte de renda dos pescadores artesanais e afastando os jovens da atividade. Da mesma forma, a derrubada das matas e retirada de recursos naturais para construção civil resulta na diminuição das áreas verdes da cidade. Por seguinte, a ausência de tratamento de esgoto e saneamento básico em alguns locais do município degrada com os rios, lagoas mangues e a vida marinha do litoral garopabense.

É interessante verificar a nitidez no conhecimento sobre as causas da degradação do município, todavia ao comparar a falta de comprometimento dos atores sociais com o seu entorno, enfatiza o conformismo que domina o pensamento e as atitudes dos cidadãos na cidade de Garopaba. Compreende-se desta situação, o ponto chave a ser estimulado numa prática educativa ambiental. A interiorização do meio natural através de uma pedagogia crítica e uma “concepção de educação como um processo permanente, aberto e formativo, poderá educar os sujeitos no seu universo cultural, entendendo a cultura como os modos materiais e simbólicos da existência” (Carvalho, 2006, p. 185).

A título de esclarecimento, alguns moradores do bairro Centro Histórico reclamaram de uma situação que está acontecendo devido à construção do loteamento Panorâmico, o aumento do nível do rio e a inundação nas moradias deles:

O loteamento tem causado enchente, jogando terra no mar, já teve 3 ou 4 enchentes (E8).

Aquele ali era um rio, o panorâmico fechou o rio, mais fossa, mais esgoto, mais poluição (E9).

O descaso com a população nativa é confirmado com a falta de planejamento desses loteamentos que trazem devastação de áreas verdes e ausência de replantio

das espécies nativas retiradas da Mata Atlântica. Parafraseando Carvalho (2006), declara-se se ocorresse uma formação desde os primeiros momentos no ambiente escolar para a formação de sujeitos ecológicos, estes moradores poderiam ter voz ativa e comprometimento com a sua comunidade, envolvendo-se na manifestação de suas opiniões, interesses e necessidades, favorecendo tanto ambiente natural quanto a sociedade.

Senso de Responsabilidade

Diante da pergunta a respeito da responsabilidade dos entrevistados em cuidar de Garopaba, foram expressas as mais diversas percepções. Primeiramente, a fala de um ator social que expressou a sua intenção em evitar a queda da Lei dos dois pisos para construção civil no município:

Não permitir que caia a Lei dos dois pisos em Garopaba (E10)

Afirmando, estar acontecendo ações por parte de investidores, para a queda desta Lei e liberação da quantidade de andares nos futuros prédios a serem construídos.

Com base nesta percepção, Fernandes et al. (2004) expressa que cada ator social perceberá, reagirá e responderá diferentemente às ações sobre o ambiente em que está inserido, pois cada um tem seus conhecimentos pessoais, que corresponderão as mais diversas formas de ação frente à situação vivenciada. Além disso, as manifestações advêm das percepções individuais ou coletivas, dos processos cognitivos formados, julgamentos e expectativas de cada pessoa.

Todavia, outros indivíduos declararam a incapacidade de atuar a favor do município, pois se consideram como apenas meros trabalhadores e sentem que não tem força de atuação como um político ou um sujeito envolvido nas questões ambientais. Fica evidente como a ausência de ação destes moradores é reflexo de uma educação fragmentada e alienada. A escola ensina uma visão compartimentalizada, não permitindo a percepção do global, o que resulta na falta do senso de responsabilidade e de solidariedade entre a comunidade planetária (Morin, 2008). Somente quando houver o conhecimento do humano e a sua condição, isto é, que ele está diretamente ligado ao Universo, justamente contextualizado com o seu entorno, situado nessa imensidão galáctica é que será possível desenvolver o senso de responsabilidade entre os atores sociais (Morin, 2008).

Convém, no entanto enfatizar a fala de alguns sujeitos que definiram como importante para ser feito em prol de Garopaba é a reeducação das pessoas:

Reeducar as pessoas em relação ao meio ambiente, separar o lixo (E7).

Através de uma prática educativa ambiental sempre atuante e manifestando-se, naturalmente um trabalho que deve acontecer em equipe. Diante, deste pronunciamento, Morin (2008) explica que será possível formar uma consciência humanística e ética de pertencimento ao planeta Terra e à espécie humana (comunidade planetária) através de uma educação que ensine a complexidade da vida.

Finalmente, as outras ações declaradas por algumas pessoas, como separar o lixo, plantar árvores, não jogar o lixo no chão, seriam apenas uma ínfima parte de uma cidadania planetária. É por isso, que a Educação Ambiental não pode acontecer de maneira pontual e simplista, mas deve ser feita criticamente, como um processo de humanização socialmente situado e formadora de indivíduos integrados com o seu entorno e pelo qual são responsáveis (Carvalho, 2006).

Conclusões

A partir do estudo da percepção dos moradores de Garopaba foram explanadas opiniões, conhecimentos, visões e atitudes diante da situação vivida em relação ao ambiente socioambiental.

De uma maneira geral, observou-se na fala dos atores entrevistados a compreensão da realidade do município de Garopaba, mas a falta de atitude para a melhoria do que está ocorrendo indevidamente no âmbito social e ambiental. Além disso, se de um lado há poucas evidências em torno do interesse explícito no aprendizado tradicional repassado pelas famílias, como é o caso da pesca artesanal, atividade que está diminuindo devido à pesca industrial e desinteresse dos jovens; de outro, o conhecimento tradicional fica evidente à medida que os entrevistados revelam que os restos de comida servem para alimentar as galinhas, na preocupação com a ausência de esgoto na cidade e na separação do lixo. Tudo é realizado, a despeito dos entrevistados não identificarem seus atos e formas de viver como derivações de um conhecimento tradicional.

Verifica-se a ausência de envolvimento e responsabilidade destes cidadãos garopabenses face à degradação constante dos ambientes naturais, devido à especulação imobiliária, turismo de massa e criação de gado. Concomitantemente, a relação das pessoas com o meio natural, no seu cotidiano indica poucas atitudes positivas e de consciência das responsabilidades individuais, exceto pela separação do lixo que é realizada por poucos indivíduos e a utilização do lixo orgânico como adubo.

Embora visualizem as mudanças socioambientais no local onde vivem e a ocorrência de problemas e causas locais, pode-se inferir que eles não percebem neles próprios às possibilidades de mudança, tampouco seu papel como responsáveis da situação atual. Na realidade, atribuem a responsabilidade dos fatos aos investidores e empresários que constroem loteamentos sem um planejamento adequado.

O presente artigo espera motivar novos estudos de percepção que visem embasar a implantação de práticas continuadas de educação ambiental na região de Garopaba.

Referências

- ARAÚJO, G.P. 2008. Trajetória do turismo no litoral centro-sul de SC: impactos socioambientais, desafios e oportunidades para estratégias de desenvolvimento territorial sustentável. Dissertação de Mestrado em Agroecossistemas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 134p.
- BESEN, J.A. 1996. 1980 - São Joaquim de Garopaba (Recordações da Freguesia). 2. ed. Passo Fundo: Pe. Berthier.
- BOFF, L. 1995. Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres. São Paulo: Ática.
- CAPRA, F. 1996. A teia da vida. 8. ed. São Paulo: Cultrix.
- CAPRA, F. 1982. Ponto de Mutação. 24. ed. São Paulo: Cultrix.
- CARVALHO, I.C.M. 2006. Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico. 2 ed. São Paulo: Cortez.
- CHAUÍ, M. 2004. Convite à filosofia. 12. ed. São Paulo: Ática.
- DIEGUES, A.C. 2004. O mito moderno da natureza intocável. 5. ed. São Paulo: Hucitec Nupaub/CEC.
- FERNANDES, R.S. et al. 2004. Uso da percepção ambiental como instrumento de gestão em aplicações ligadas às áreas educacional, social e ambiental. Rede Brasileira de Centros de Educação Ambiental. [on line] Disponível: http://www.redeceas.esalq.usp.br/noticias/Percepcao_Ambiental.pdf Data de acesso 12 dez 2008.
- FILARDI, A.C.L. 2007. Diagnóstico da pesca artesanal marinha do município de Garopaba (SC): potencialidades e obstáculos para a gestão adaptativa para o ecodesenvolvimento. Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 257 p.

- FLORIANI, D. & KNECHTEL, M.R. 2003. Educação ambiental: epistemologia e metodologias. Curitiba: Vicentina.
- GADOTTI, M. 2000. Pedagogia da Terra. São Paulo: Peirópolis.
- LIMA, R.T. 2003. Percepção ambiental e participação pública na gestão dos recursos hídricos: perfil dos moradores da cidade de São Carlos, SP (Bacia Hidrográfica do rio do Monjolinho). 93f. Dissertação de Mestrado em Ciências da Engenharia Ambiental. Universidade de São Paulo, São Carlos. 93p.
- MARTINS, H.H.T. S. 2004. Metodologia qualitativa de pesquisa. Educação e Pesquisa, São Paulo, 30(2): 289-300.
- MADUREIRA, A.F.A. 2000. Metodologia qualitativa. (Texto) Disponível: <http://www.google.com.br/search?hl=ptBR&q=madureira+metodologia+qualitativa&meta>. Data de acesso 12 dez 2008.
- MORIN, E. 2008. A cabeça bem feita. 14a. ed. Rio de Janeiro: Bertrand.
- POLETTE, M. et al. 2006. Rumo à gestão integrada e participativa de zonas costeiras no Brasil: percepções da comunidade científica e do Terceiro Setor. Gerenciamento Costeiro Integrado, 5: 43-48.
- ZIEMBOWICZ, T. 2009. Ser humano e meio natural: estudo da percepção ambiental dos moradores do Centro Histórico e do Ambrósio de Garopaba-SC. 62f. Monografia (Especialização em Educação Ambiental, Meio Ambiente e Desenvolvimento), Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

